

# Commercio do Norte

Director e proprietario: Domingos Pereira Mendes

Redacção e administração: RUA DE SANTO ANTONIO, 125

SEMANARIO

Composto e impresso na Typ. Minerva Vimaranesse

Rua de Payo Galvão.

## NA POVOA DE VARZIM

### A gente da terra e a de fóra

Sempre naquella dia, a 15 de agosto, logo que chega o primeiro comboio de Famalicão, a Povoação enche-se de forasteiros. Como na maior parte das casas já ha inquilinos, quem apenas desembarcou por causa da festa, com bilhetes a preços reduzidos, toma conta de praças e ruas, assalta, esfomeado com o vento norte, a mesa de todas as casas de pasto.

E o seu grito, que avermelha a boçalidade assarapantada do creado, é que lhe sirvam peixe. Peixe e vinho. De carne está farto, dessa carne tenra de boi que se vende nos talhos da provincia. Anda-se positivamente em festa. Sam claros e transparentes os vestidos das senhoras, num ligeiro perfume salino. Comissões engalanam ruas. Parece que o murmúrio eterno e doloroso das aguas se espalhou, dominando a terra, no som alacre e palpitante dos harmoniuns, na serenata de vozes das cachopas. Vira e torna a virar! Quando um novo apito anuncia outro comboio, a multidão prepara-se, encolhendo os hombros e apertando o estomago, para receber mais essa onda invasora que aí salta, flor ao peito, charuto a arder como um programma de festa. O cartilhão da Senhora das Dôres esmoe um hymno da Carta, todo guizalhado e nos restaurantes sujeitos apoplecticos exigem que a creadita morena lhes traga pr'á li o refresco dos seus olhos

Depois da missa das 11, na Matriz, começa a peregrinação das solteirinhas. Sofreram—todo o inverno!—, dentro dum unico vestido, a monotonia igual dos mesmos dias. Agora é a esplendida, a salutar desforra. O namorado em serviço activo dá tratos á litteratura epistolographica. Perseguem-nas as mais variadas requesitações, desde a que suspira na alma dum bacharel encadernado na fatiota dum barbeiro até á do amanuense pelintramente ajanotado num figurino de diplomata. E muito antes do pai falar no aluguer da casa.—Vamos este anno pr'á rua da Junqueira?—Vamos para o Passeio Alegre?—, e ainda se apercebia no at nevoento das manhãs a graça odorosa dos cravos de S. João, a solteirinha do norte passava o tempo em conferencias com a modista. Vive então, soffregamente e cerimoniaosamente, a sua época. Anda na rua! Chega até a sair de casa... sósinha! Vai ao theatro! Conversa! Procura-a, ao meio dia, abrigada no toldo dos Valentes, dos Tambucos, dos Canetas, do A Voz E A Fama Aqui Vos Chama... Está decididamente a fazer uma visita. Entre as rendas da blusa espreitam negas de pelle. Não se descompô. E um triste leque de violetas cae hieraticamente sobre os joelhos como se fora um livro devoto. Grande chapeu na cabeça, claro,

os medicos inventaram que a agua salgada prejudica os cabellos pretos e os cabellos loiros.....

A's cinco horas sae a procissão da igreja da Lapa, á beira-mar. A philharmonica dos bombeiros anda agitadoamente avisando os mezarios e o povo.

No seu andar, a Virgem d'Assumpção, de manto bordado a oiro, ergue para o ceu o olhar e a alma, docemente, suavemente—que tôda aquella turba, os poveiros e os lavradores, se encontrariam desprotegidos, na faina ardente dos campos, na luta mysteriosa do oceano, se ella desaparecesse por entre as nuvens floridas de algodão em rama—ó Sancta Mai do Senhôr!.....

A' noite o lavrador admira, cá de fóra, a deslumbrante riqueza dos cafés. Ih! tanto fidalgo! Hespánholas batem com os tacões num estrado de madeira. E' a dansar! Tenores baratos arrepiam trechos classicos. Como o demonio esganicha bem! Cada senhora dispôo do restricto espaço em que mette o vestido. Noutra sala giram as roletas. Quando se abre a porta, as arcadas dos violinos acompanham o tintar da prata. Quase se não respira. Faiscam os diamantes duma brasileira. «Olha, olha, troca uma camponesa, que pia de agua benta!...» «E toda a freguezia, que veio, reverendamente commandada, tomar trinta banhos em oito dias, com farnel para uma quinzena: bolinhos de bacalhau, borã e assucar e mais cinco coroas atadas num lenço, ri ás gargalhadas.....»

A' luz dos archotes—e dansa á frente a garotada—, a philharmonica dos bombeiros, mais uma vez, corre estapafurdidamente, por aqui e por ali, fungágá, chimchim. E' o theatro, é o cinematographo, é a assembleia. Representa-se um drama em três actos. No cinematographo estreia-se uma fita celebre em todas as capitães: *A noiva do Pescador*.

E' na costumada Bretanha. Um homem novo e forte apaixonou-se por uma linda rapariguita. Falam, beijam-se e casam. Mas elle embarca. Ha um naufragio. E, na praia distante, a noiva, já com um filhinho ao seio, interroga ansiosamente a convulsão murmurante do oceano. Grita mas, felizmente!, nós não ouvimos os seus gritos, chora mas não vemos as suas lagrimas. Então a nossa generosidade é infinita... lembremo-nos do pescador. E' verdade, o que será feito do poveiro? Onde se escondeu, para onde fugiu, logo que recolheu a procissão? Coitado do pescador, infeliz poveiro!.....

O poveiro está no areal, absorvido na contemplação do mar. Em que pensa? Que sentimentos perturbam o seu coração? Ninguem o sabe. Nem elle proprio talvez.

E' um ser obscuro e teimoso que fala só comsigo deante do oceano. Conhece-nos porque nos vende o peixe—, num ar de magnifico desprêso—, e nos attira ao banho com os seus braços musculosos. Surprehende-se, por vêzes, no seu olhar como que o re-

flexo inconstante das marés. E o seu cachimbo arde com furia. Pragueja, soluça. Resa e apredeja os sanctos. Ajoelhando no altar do noivado, as mulheres juram que serão fecundas para que os filhos dos namorados continuem a lutar braço a braço com o mar—para onde saltam logo que nascem e onde os poveiros ficam a dormir o somno da morte.

Lisboa—17 de junho de 1907.

EDUARDO D'ALMEIDA.

## Arte portuguesa

### O CÉGO

Abre a porta, Anna, abre de mansinho, Que venho ferido, morto do caminho.  
Se vindes ferido, pobre coitadinho!  
Ireis muito embora por outro caminho...  
—Aí abre-me a porta, abre de mansinho, Que tam cego venho, não vejo o caminho.  
—Porta nem postigo não abro ao ceguinho, Vá-se na má hora pelo meu caminho...  
—Aí do pobre cego que anda sósinho Cantando e pedindo por esse caminho!

—Minha mãe acorde, oiça aqui baixinho Como canta o cego que perdeu o caminho...  
—Se elle canta e pede, dá-lhe pão e vinho; E o pobre cego que vá o seu caminho...  
—O teu pão não quero, não quero o teu vinho, Quero só que Anninhas me ensine o caminho.  
—Toma a roca, Anna, carrega-a de linho, Vae com o pobre cego, põl-o a caminho...

—Espion-se a roca, acabou-se o linho, Fique embora o cego, que está é o seu caminho...  
—Anda mais, Anninhas, mais um bocadinho, Sou um pobre cego, não vejo o caminho...  
—Aí arreda, arreda para este altinho, Que ahí vêm cavalleiros por esse caminho...  
—Se vêm cavalleiros, vêm de vagarinho, Que ha muito me tarriam por este caminho. A cavallaria passou de mansinho...  
Cégo, lo meu cégo já via o caminho. Montou-me a cavallo com muito carinho... Um cego me leva... e vejo o caminho!

(Romanceiro).

Almeida Garrett.

## Diz-se

—Que a verba de expediente das escolas primarias, deste concelho, se submergiu nos recentes terremotos.

—Que a mesma se vier a ser paga, será applicada a uma só escola.

—Que uma ambicionada regencia não se consegue tam depressa como se esperava.

—Que numa escola de meninas, para as bandas da Praça de S. Thiago, a respectiva professora usa ter intervallos de uma hora e mais, ficando as creanças abandonadas durante esse tempo.

—Que quem passar por aquelle local ahí pelas 11 horas verá o rapazito ás bulhas com as meninas da escola.

—Que as creanças em grande algazarra observam as scenas que se passam naquelle local.

—Que tudo isto é muito edificante para a moralidade das mesmas.

—Que neste concelho ha escolas sem mobilia e mobilia sem escolas...

—Que pelo mesmo motivo ha regentes sem nomeação legal.

—Que as ajudas de custo dão um bello rendimento...

—Que para bom entendedor meia palavra basta...

—Que ha por ahí um grande funcionario que tem mais dias de viagem que de serviço.

—Que hoje em dia nem só os fidalgos teem porteiro.

—Que tudo isto dá vontade de gritar: Oh! da guarda!...

—Que no nosso diz se do ultimo numero onde se lê «prisão arbitraria nas Taypas», deve ler-se «prisão especulada nas Taypas».

—Que a prova dessa especulação está no facto de ao preso haverem offerecido um meio de se libertar.

—Que esse meio seria elle adquirir um cartão dum certo triumpho de politica contraria.

—Que o preso não se aproveitou do expediente por lhe perceber os intuitos.

—Que para elle ver a liberdade outros accenderam lampada no governo civil.

—Que a leitura da «Voz Publica» do dia 19 teve entre nós uma alta de preço.

## Notas & Factos

### O cofre da beneficencia a saque

Um depoimento, segundo «O Noticias de Guimarães»:

«Eu considero, diz o illustre clinico, o administrador do concelho incapaz de desviar o dinheiro da beneficencia em proveito proprio, mas o que é fora de duvida é que pagando desse dinheiro as despesas do expediente desviou em proveito proprio a parte que lhe competia pagar.»

Em synthese a explicação do caso é esta: — O snr. administrador do concelho é muito boa pessoa... vae á missa, não fuma, não desrespeita o principio da auctoridade, sómente não paga o que deve!

Mas por quem são! «Se é quente não é fresco, se é fresco não é quente!»

Em que ficamos em materia de conceitos?

Outro depoimento segundo relato do mesmo jornal: «Como V. Ex.ª sabe, continua o illustre titular, as despesas do expediente sahem dos emolumentos cobrados na administração do concelho e desde que essas depezas foram pagas pelo cofre da beneficencia, *houve um desvio em proveito proprio, repito, inconscientemente*».

Pondo de parte, por dispensaveis, as palavras de cortezia que precedem os juizos formulados por estas testemunhas sobre a pessoa do funcionario, o que fica de pé, hirto, intangivel, flagelador, é que o snr. administrador do concelho *desviou dinheiro em proveito proprio!*

Ha quem conceda que se accuse o administrador do concelho de fazer despesas elegaes, mas menos que se diga que o dito funcionario o fizera em proveito proprio.

Mas como diabo se hade deduzir, se não assim, sabendo-se que se deixou de pagar pelo cofre dos emolumentos certas despesas que, legaes ou illegaes, só deste cofre deviam sair? E quem não sabe que deste cofre o dito funcionario auferre proventos—legaes, aliaz?

Por tanto, não cercear o cofre era augmenta-lo, logo, maiores proventos a auferir. Isto é logico.

Mas, defende o «Regenerador»:

«A culpa foi do regimen que mandou para o administrador do concelho despesas e encargos que elle não podia nem devia pagar do seu bolso.»

Logo, (parece concluir-se do mesmo collega) todos os recursos lhe eram admissiveis.

Todos... Oh Justiça! oh Verdade! oh Direito! onde estaes que vos quero insultar?

Com as festas em honra de El-Rei, despesas pagas illegalmente pelo cofre da beneficencia, segundo nota do «Regenerador»:

Trens	17\$000
Alimentação da policia de Lisboa e soldados de cavallaria em diversos hotéis e hospedarias	103\$700
Despezas com os cavallos	3\$440
Gratificação ás pessoas que trouxeram flores	5\$200
	129\$340

Não sabemos se estas contas estão certas.

Interroga, porem, «O Noticias de Guimarães»: Onde estão as verbas das despesas feitas com policias botando tipoia em serviço eleitoral e policias guardando casas de batota?

Seja-nos licito, pois, duvidar.

Transcrevendo do «Bracarense»:

«Quem dá vivas ao rei não serão os pobres, a massa anonyma? Pois esses vivas não se dão com as mãos apertando a tripa e com as ruas em funeral de «pinçados.»

«Provou-se que o snr. Duarte Borges tinha gasto o dinheiro da beneficencia publica, mal e indevidamente, em beneficio proprio? Não... Os foguetes e bandeiras foram para o rei e ao rei não se negam os cofres dos governos civis e administrações concelhias.»

Tal arvore, tal fructo. A' delapidación de cima corresponde a delapidación de baixo.

Mas... «o snr. Duarte Borges, segundo o «Regenerador» «é um dos mais honestos, mais honra-



dos e mais dignos dos administradores que Guimarães tem tido».

E a prova, (o mesmo «Regenerador» a fornece) é porque nos ultimos 20 annos na administração do concelho se tem commettido illegalidades que edificam.

Ora, para que a honestidade, a honra e a dignidade do snr. Duarte Borges vingue, necessariamente que teremos de sair do cyclo de comparações correspondente aos taes ultimos 20 annos, —depois de se tomar como justa explicação de um acto illegal o costume da pratica dessas mesmas illegalidades, como quer o «Regenerador».

Distribuição illegal feita pelo ex.<sup>mo</sup> snr. administrador do concelho, durante o ministerio Franco, segundo nota do «Regenerador»: 340x200 reis.

Onde está o orgão dos franquistas? Onde param os pruridos, os zelos dessa gente?

Se a administração honrada do partido Regenerador-liberal é, *d'alto a baixo*, um dogma, porque não veem a estacada os aulicos desfazer, pulverisar os blasphemos?

O dilemma é este: Ou confessar e ser victima ou não confessar e ser reu. O silencio, neste caso, é a cumplicidade no delicto.

Onde está o orgão?

Pela leitura do ultimo numero do «Noticias de Guimarães», nós recebemos a impressão, (triste impressão) de que a causa em prol dos dinheiros da beneficencia levantada por este nosso collega não bebeu a inspiração nas altitudes moaes—onde os homens se confundem com os deuses.

O pessoalismo, sempre o maldito pessoalismo! A politica, sempre a maldita politica!

Pois é pena, porque se a campanha foi util, a causa te-la-hia tornado sympathica.

Do mesmo «Noticias de Guimarães»:

«—V. ex.<sup>a</sup> sabe-me dizer se os emolumentos recebidos na administração chegariam para fazer face ás despesas do expediente?

—Estou convencido que sim.

—Mas tem a certeza?

—Não, senhor, mas ainda mesmo que não chegassem, não era licito ir ao dinheiro da beneficencia. Quasi que posso garantir a v. ex.<sup>a</sup>, continua o illustre clinico, que os emolumentos são muito superiores ás despesas com o expediente, mas quando não fosse num mez, se-lo-hiam noutro.»

Ainda mesmo que não chegassem não era licito ir ao dinheiro da beneficencia, disse muito bem a testemunha.

O nosso intelligente conterraneo dr. Alfredo Pimenta, em artigo na «Voz Publica», de 19, trata com superior criterio este escandaloso caso da beneficencia. Publica-lo-hemos no proximo numero.

**Uma promessa**

Os armazens Grandellas (não é reclame) vão mandar construir em Benavente 10 modestas casas, cujo usufructo será destinado a premiar as donzelas que casem, sendo durante os dez annos annualmente destinada uma á que melhor comportamento tenha e que mais arreigado possua o sentimento do lar e da familia.

Quando no caso de receberem o premio estejam mais do que uma donzela recorrer-se-ha á sorte e, pelo fallecimento da contemplada, a casa passará a ser propriedade da camara.

Que dizem a isto os furtadores de donzelas?

**Blaseo Ibañez**

O primoroso romancista hespanhol que de passagem para a America visitou a nossa capital, teve pelo povo um acolhimento muito significativo.

E' que Blaseo Ibañez faz obra de educação e de combate.

**Um triumpho**

A Havas informa que o Papa andou de automovel e que este lamentou não ter grandes distancias a percorrer.

Por um lado o Papa condemna o modernismo, por o outro o Papa aproveita-lhe os fructos.

—E' diferente, objectarão.

—Não é tal, replicamos.

O progresso nas ideias, ou o progresso nas industrias, obedecem por igual ás leis da evolução. Se estas avançam, porque estaciona o Papa?

**Gréve**

Os empregados postaes de Pariz voltaram á carga. Dizem estes que o governo faltou ás promessas combinadas. Diz aquelle que não, que não faltou tal, e, diz mais, que os empregados postaes como funcionarios que são do Estado não tem direito á gréve visto estes não soffrerem, (como os outros assalariados) de crises de trabalho, vantagem que se acrescenta com a reforma no serviço.

Mas a rebelião continua, os operarios postaes combinam com os syndicatos da Bolsa um grande movimento de solidariedade, e o governo no parlamento entrechocando-se em discussões vivissimas.

Esperemos por o dia de amanhã.

**O Fado revolucionario**

«A Montanha, de pé, na extrema-esquerda, entoando vibrantemente o canto revolucionario da Internacional; os Girondinos no centro, respondendo com a *Marselheza*; os deputados da direita, repetindo a canção realista *Monsieur Charett*.»

Isto num parlamento. Agora numa reunião:

«Proponho para afirmar a nossa solidariedade, com a classe operaria, de cantar, antes de qualquer discurso, a *Internacional*.»

Achamos bem esta forma de protesto. Um canticó é, mais ou menos musical, e a musica apascenta os nervos,—se não chega a ser argumento.

Contrapôr ao murro, ao berro, á bravata, um canticó allusivo ás nossas opiniões é caminhar para a arte—em unísono.

**CHRONICA INSTRUCTIVA**

**Iluminação eléctrica**

Um corpo luminoso é um corpo que communica ao ether vibrações mais ou menos complexas, mas algumas dentre ellas devem sêr capazes de impressionar a nossa retina e tem, consequentemente, comprimentos de onda comprehendidos entre 8 e 4 decimas do micron. O corpo irradia assim em sua volta uma certa potencia que deve necessariamente encontrar origem em

algum lugar. As mais das vezes será uma fonte calorica que fornecerá á substancia radiante a energia que ella emite; trata-se então dum phenomeno de incandescencia e estamos em presença dum radiamento thermico propriamente dito. Noutros casos, o corpo soffrerá modificações químicas, como por exemplo o phosphoro que se oxyda, ou receberá uma quantidade de energia electrica, como o gaz luminoso do tubo de Geissler, illuminado por uma descarga electrica e então dir-se-á que se trata duma fonte luminescente.

Desde a mais alta antiguidade até os ultimos annos, empregou-se exclusivamente processos que se ligam á primeira categoria, e, quase sempre, o corpo radiante foi o carvão; foi o carvão incandescente que allumiou nossos antepassados nos archotes de resina, é o carvão que nos allumia na chamma das velas, das lampadas, dos bicos de gaz em que se encontra em suspensão, é ainda o carvão que nos envia a luz das peras electricas ou no arco, cujo brilho provem sobretudo do electrodo positivo que conduz a corrente. A escolha da substancia radiante foi sem duvida determinada, na origem, pela facilidade com que o carvão, unindo-se ao oxygenio do ar, desinvolve uma grande quantidade de calor capaz de elevar a alta temperatura ás particulas de carbone contidas na chamma, mas foi particularmente feliz, sob outro ponto de vista, que muito tempo se julgou o melhor, porque pode parecer vantajoso procurar um corpo que se aproxima do corpo negro ideal, para o qual a energia radiada é, para cada temperatura e para cada radiação, a maior possível. O corpo negro seria assim, segundo Kirchhoff, o que absorveria a totalidade de qualquer radiação que o viesse ferir e transformaria integralmente em calor a energia correspondente. E' interessante conhecer as leis da sua radiação, mais simples sem duvida que em todos os outros corpos. Sabe-se que, apoiando-se no principio de Carnot, Kirchhoff demonstrou que a radiação interior num recinto isothermico não depende da natureza das paredes, mas só da temperatura e deve ser identica á do corpo negro á mesma temperatura; se, consequentemente, se faz, numa pequena bola metalica a temperatura uniforme, uma abertura muito pequena, realisa-se um elemento de superficie dum corpo negro, tanto sob o ponto de vista da absorpção como sob o ponto de vista da emissão. E' por este processo que, nos ultimos annos, diversos physicos e particularmente, na Allemanha, Lummer e Pringheim e Lummer e Kurlbaum poderam experimentalmente bem conduzir o estudo de diversas questões relativas á radiação. E' necessario comprehendere que a palavra negro, que foi a principio empregada porque convinha para designar uma substancia absorvendo toda a radiação que a fere, encontra-se, depois, bastante desviada da accepção primitiva; assim, quando se tratar de phenomenos de emissão, seremos levados a dizer que, de duas superficies iguaes elevadas á mesma temperatura, a mais negra será precisamente aquella que é a mais luminosa, e, naturalmente, chega-se a extensões mais singulares ainda; por exemplo, diremos com Rubens que a manga dum bico Auer, collocada num involucro prateado, ennegrece no azul, porque o eminente physico demonstrou que, nestas condições, a substancia incandescente tende a produzir uma emissão de luz azul igual á do corpo

negro. Esta linguagem bizarra e demasiado colorida não deixa de ter alguns inconvenientes que foram postos em evidencia por Ch.-Ed Guillaume; este erudito e engenhoso sabio, que publicou sobre questões relativas á radiação estudos muito penetrantes, propoz, para designar o corpo negro theorico, o nome expressivo de radiador integral que nós adoptaremos.

(Continúa).

Lucien Poincaré.

**Meios de troca**

Como não é possível, na sociedade civilisada em que vivemos, que cada homem exerça ao mesmo tempo todos os misteres, e por suas proprias mãos prepare o seu sustento, o seu vestuario, o seu calçado, o seu mobiliario, etc., é indispensavel que o individuo que exerce um officio troque os productos deste pelos productos doutros officios.

Nos primordios da civilização, estas permutas faziam-se directamente sob a forma de troca. O pescador trocava o seu peixe por pão, o caçador trocava a sua caça por vinho; e assim os outros. Deste regimen, porém, resultavam inconvenientes enormes. A procura e a offerta nem sempre se encontravam; havia tal, que tinha um producto de grande valor e não se resolvia a trocá-lo por outro de valor menor: e as necessidades tambem se não correspondiam sempre. A caça do caçador, a pesca do pescador, a carne do magarefe, deterioravam-se por não poderem ser trocadas em tempo util por objectos de que o caçador, o pescador, o magarefe, precisavam.

Foi para obviar a estes inconvenientes, dia a dia maiores á medida que a civilização se desenvolvia, que se creou a moeda. A moeda é uma mercadoria geral, mercê da qual se facilitam singularmente as trocas doutros productos. Quem tem um boi para vender e precisa ao mesmo tempo de comprar pão, vende o boi ao magarefe, que o paga com a mercadoria geral, com moeda; e munido desta, o que vendeu o boi vae comprar o pão de que precisa, dando em troca desse pão uma parte da moeda que recebeu pelo boi, guardando o resto, ou applicando-o a outras compras.

Para poder corresponder ao fim a que é destinada, a moeda deve ter os caracteres seguintes: possuir um valor intrinseco igual ao valor convencional; ser fixo este valor; não estar sujeita a deteriorar-se, para poder servir quando for preciso; ser divisivel á vontade, para poder trocar-se, sendo necessario, por varios objectos de valores diversos; e ser facil de manusear.

Productos algum da natureza ou da industria reune esta diversidade de predicados no grau em que a reúnem os metaes preciosos. Graças á sua raridade e variado prestimo, os metaes preciosos oferecem um grande valor sob um volume minimo; as suas qualidades naturaes preservam-nos de se deteriorarem; a sua divisão em fracções é facil, e não lhes altera o valor intrinseco. Foi por este conjuncto de razões que os paizes civilizados escolheram o ouro e a prata para representarem de moeda.

Uma vez adoptado este meio de troca, necessario se tornou adoptar precauções que evitassem as fraudes, quer no peso exacto da moeda, quer na sua qualidade, que facilmente podia ser alterada por

ligas de metaes de menor valor. Dahi a necessidade da intervenção do Estado. Hoje, são os governos que por toda a parte fabricam a moeda, garantindo assim o peso e o toque que lhe são devidos.

Além das moedas de ouro e de prata, ha tambem moedas de nickel ou de cobre, que formam o chamado *bilhão* ou *moeda para trocos*, e são as subdivisões inferiores do *systema monetario*.

Chama-se *systema monetario* o conjuncto das divisões e subdivisões adoptadas para a moeda dentro duma nação.

Por mais commoda e facil de manusear que seja a moeda, apresenta inconveniente para o transporte em grande quantidade: é pesada, e occupa, relativamente muito espaço. Por esse motivo, teve de recorrer-se a um meio de troca ainda mais commodo, e inventaram-se as *notas de banco*. Não passando de um simples pedaço de papel, a nota não tem valor algum intrinseco; e todo o seu valor provém, exclusivamente, das garantias offerecidas por quem a emite. A nota de banco não é mais do que um *signal representativo* de moeda; é uma promessa feita pelo *banco emissor* de pagar em moeda a somma inscripta na nota, á primeira requisição e a quem quer que a apresente no banco ou nas succursaes deste (pagamento *á vista* e *ao portador*).

Tornada a nota de banco um dos mais poderosos meios de troca, o Estado viu-se obrigado a legislar sobre as garantias que os bancos emissores deviam offerecer ao publico. Em certos paizes (e Portugal é um delles) o Estado reservou-se o *monopolio* da emissão de notas, concedendo-o a um banco nacional (Banco de Portugal, entre nós).

Alguns Estados financeiramente combalidos, e que não podem, por isso, obter o metal precioso necessario á fabricação da moeda, emittiram *papel-moeda*, tornando obrigatoria a sua circulação no paiz (*curso forçado*). Tal papel não tem o valor das notas de banco, no sentido de não ser, como estas reembolsavel á vista e em especie; e ainda porque as garantias offerecidas pelo Estado em relação a semelhante papel, não são sérias na maioria dos casos, motivo por que soffre, não raro, sensiveis depreciações.

Podemos comprehendere tambem entre os meios de troca os *pesos e medidas*. O Estado determina que systema deve ser adoptado nas transacções, e encarrega certos funcionarios da *aferição* dos pesos e medidas de que podem servir-se os commerciantes.

O serviço publico referente aos meios de troca pertence ao ministerio da fazenda, que é, em regra, o que se occupa tambem do serviço de contribuições. Ao ministerio da fazenda pertence igualmente a contabilidade geral do Estado, e é elle que fornece o dinheiro necessario para os diversos serviços publicos.

(Conclue).

**Para lamentar...**

A agua que se poupa na limpeza da cidade ou balneario, vende-se a dez reis o copo no deposito da Arcella.

Depois da peste da variola, apparece-nos a do peixe pôdre.

Depois do pão a 830, não ha quem evite o açambarcamento das gallinhas, ovos, etc., descaradamente feito á porta do mercado.



Comquanto não faça ainda um calor de rachar, a preguiça já vai atacando mui bem o grosso batalhão dos jornaleiros e capatazes da camara.

Para cada caso chamamos respectivamente a attenção do vereador do pelouro, do sub-delegado de saúde, da auctoridade administrativa e novamente a do vereador do pelouro.

## Noticiario

**Excursão — A Povia de Varzim em reconhecimento á cidade de Guimarães — A Associação Commercial organisadora da recepção**

Domingo proximo a excursão será. Que ella vae ser uma demonstração de effusivo sentimento collectivo, disso estamos certos, já pelo caracter amplo e superior que esta excursão tem, já pela sympathia que a gente da nossa terra nutre por aquella praia.

Assim, pois, a Associação Commercial que sempre sabe interpretar o sentir da população vimezanense, tomou sobre si o encargo de organizar a recepção aos nossos illustres hospedes povoenses, incumbencia assumida de accordo com a Camara e demais corporações e classes.

Na reunião effectuada na sua sede com a comparencia dos representantes interessados, ficou resolvida a forma de levar á pratica a homenagem do nosso carinho e do nosso proverbial bom acolhimento á Povia do Club Naval que até nós vem em visita de reconhecimento por termos como nossa a sua linda praia.

Não está definitivamente assente o programma geral, todavia podemos alem de algumas notas, dar o itinerario do cortejo: A's 9½, recepção na estação do caminho de ferro, para onde se encaminharão encorporadas as associações de classe, a academia, os bombeiros, o club dos caçadores, delegados da Sociedade M. Sarmiento, Camara, imprensa, etc, acompanhados por duas bandas de musica.

Mas as musicas, os foguetes, as aclamações, tudo isso que dá o tom e a medida de festa consagrada, só será completa, oh! sim, só será completa quando ao calor das manifestações se juntarem os sorrisos, e as flores das damas, as nossas damas que nunca faltam a cooperarem nestas festas de confraternisação.

O itinerario a percorrer é o seguinte: Avenida do Commercio, Toural, lado nascente, Rua da Rainha, Rua de S. Damaso, Campo de D. Affonso Henrique, Toural lado poente e Sociedade M. Sarmiento onde se realizará seguidamente a sessão de boas-vindas presidida pela Camara de Guimarães, secretariada pela Camara da Povia e Sociedade M. Sarmiento.

Pela Associação Commercial será lida e entregue ao Club Naval promotor da excursão uma mensagem interpretando o sentir de todas as collectividades vimezanenses, mensagem assignada por todas as collectividades e encerrada em pasta de madeira com uma alegoria pintada a oleo pelo distincto artista snr. Abel Cardoso.

A Associação Commercial e respectivamente todas as collectividades de Guimarães pedem aos habitantes da cidade para embandeirarem, lançarem colchas á pas-

sagem do cortejo e illuminarem á noite.

Em sitio opportunamente anunciado vender-se-ão balões, já preparados para a marcha ao flambeau. Custo real 100.

### Anniversarios natalicios

Passou no dia 15 do corrente, o anniversario natalicio do snr. Gaspar Ribeiro da Silva e Castro, distincto e intelligente notario desta cidade.

Enviamos-lhe os nossos respeitosos cumprimentos.

Tambem fez annos no mesmo dia o snr. João de Faria e Sousa Abreu.

Parabens.

### João Fernandes de Mello

Já regressou da sua linda propriedade da Ramada (Vizella), completamente restabelecido da grave doença que ultimamente o accommetteu, o nosso dedicado amigo snr. João Fernandes de Mello.

Registamos com jubilo a sua estada entre nós.

### Grande Tourada em Guimarães

Vae realizar-se no proximo domingo, 23, uma grande corrida de touros na nossa elegante praça da Feijoeira e que é dedicada aos illustres excursionistas da formosa praia da Povia de Varzim.

A Direcção do Club Naval, promotora da mesma excursão, assiste á corrida num camarote que para esse effeito será lindamente ornamentado.

Cavalleiro é o arrojado e destemido Adolpho Machado, de Torres Novas, que tanto entusiasmo tem causado nas praças do Sul, onde ultimamente tem trabalhado, alternando com o cavalleiro Victor Marques.

Quando da corrida inaugural na Praça de Algés, em Lisboa, á antiga Portugueza, foi Adolpho Machado aclamado com verdadeiro delirio, tanto pelos grandes mestres do toureiro equestre, como pelo numeroso publico que enchia a praça por completo.

Na praça d'Abrantes, onde lidou touros da ex.<sup>ma</sup> condessa da Junqueira, no dia 2 do corrente, couberam-lhe as honras da tarde, tal a maneira como se houve com os terriveis cornupetos que lhe largaram.

O resto do conjuncto artistico é magnifico.

Eis o detalhe da corrida:

- 1.º Touro para Adolpho Machado.
- 2.º para José Cecilio e Rodrigo Largo.
- 3.º para Paschoa, Custodio e Paleno.
- 4.º O espada (a sós).
- 5.º Para Adolpho Machado (ferros curtos.)
- 6.º Para Rodrigo Largo e Custodio.
- 7.º Para Paleno, Cecilio e Paschoa.

Este programma pode ser alterado por qualquer motivo imprevisto.

Director da corrida é o nosso conterraneo e distincto afficionado snr. Antonio Machado.

Ha grande animação e já têm tido bastante procura os camarotes para esta tourada.

Aos touros! Aos touros!

## Agradecimento

Já completamente restabelecido da grave doença que me attingiu, venho por este meio testemunhar o meu profundo reconhecimento a todas as pessoas que se dignaram visitar-me e procuraram saber do meu estado de saúde, dando-me assim captivantes provas de estima e consideração, que em extremo me penhoram e a que correspondo com o maior agradecimento e imperecível gratidão.

Especialisarei, porem, o distincto clinico e meu particular amigo, Ex.<sup>mo</sup> Snr. Dr. Joaquim José de Meira, não para fazer resaltar, em forma de reclame, o seu valimento profissional, porque esse está sobejamente experimentado e reconhecido, mas para lhe consagrar a expressão sincera e inconfundível da minha admiração, pela cuidadosa e intelligente assistencia que me dispensou, o que, com toda a lealdade confesso, produziu o satisfatorio estado de saúde que ora gozo.

Julgo, portanto, um devêr indeclinavel e da maior justiça manifestar aqui a tam abalissado clinico as sentidas provas do meu grande reconhecimento e infinda gratidão, perpetuando-lhe a estima e dedicação sinceras que me merece. Guimarães, 20 de maio de 1909.

João Fernandes de Mello.

### De regresso á Patria

Já se encontra entre nós de regresso de S. Paulo, onde liquidou a sua importante casa commercial intitulada Ao Trocadero, o nosso respeitavel patricio snr. Antonio Pereira da Silva, vindo fixar residencia em Guimarães, sua terra natal.

Enviamos-lhe os nossos cumprimentos.

### Fallecimento

Com a idade de 43 annos falleceu no dia 4 do corrente, em S. Vicente de Cabo Verde, o nosso dedicado patricio snr. Christovão Augusto da Silva Mendes Leite, muito digno conservador do registo predial naquella nossa possessão, onde era muito estimado.

### Romaria pequena de S. Torquato

Realizou-se no ultimo domingo esta importante romaria, sendo bastante concorrida por forasteiros e familias desta cidade.

### Doentes

Encontra-se doente, o que muito sentimos o nosso amigo snr. P.<sup>o</sup> José Antonio da Silva, estimado reitor da freguesia de S. Christovão de Selho.

Desejamos-lhe rapidas melhoras.

### Funeraes

Realizaram-se na ultima segunda-feira, na igreja da V. O. Terceira de S. Domingos, pelas 11 horas da manhã, os funeraes do snr. dr. Adelino Pinto Tavares Ferrão, importante proprietario e capitalista desta cidade.

A assistencia era numerosa, vendo-se ali representado tudo quanto nesta cidade ha de mais distincto.

Tambem assistiram varias corporações religiosas, as creanças do Asylo de Santa Estephania, da Creche de S. Francisco, Asylo de Mendicidade, conferencia de S. Vicente de Paulo, etc.

Os cazeiros do illustre morto, que são em grande numero, estiveram presente ao acto, acompanhando depois o feretro até á sua ultima jazida.

Fez o caixão o snr. dr. Fernando Tavares Ferrão, sobrinho do fallecido.

O cadaver foi encerrado em jazigo da familia.

### Anniversario luctuoso

Para commemorar o primeiro anniversario do fallecimento do do academico Pedro Fernandes Azenha, filho do nosso amigo snr. Abilio Fernandes, a Academia Vimezanense mandou celebrar na igreja do Seminario uma missa de «Libra-me», suffragando a alma do seu saudoso companheiro.

Ao acto assistiram muitos academicos, a familia do finado e muitos amigos.

### Noticias militares

No comboio da noite de domingo passado, chegou a esta cidade, afim de proceder á inspecção ordinaria ao regimento de infantaria 20, o ex.<sup>mo</sup> General José do Carvalho da Silveira Telles de Carvalho, commandante da 11.<sup>a</sup> brigada de infantaria, acompanhado dos snrs. major da administração militar Luis da Silva Alves, capitão Arthur Annibal Botelho, major da brigada, e tenente Luiz Alves de Aguiar, ajudante de campo.

Eram esperados na estação por toda a officialidade do regimento.

Junto ao hotel do Toural, onde sua ex.<sup>a</sup> se hospedou, fazia a guarda de honra uma força sob o commando do snr. capitão Novaes Teixeira, tendo como subalterno o snr. alferes Duarte Fraga.

—Deu alta do hospital civil e ficou doente no seu quartel o capitão de infantaria 20 snr. João Maria Pereira do Paço.

—Regressou da carreira de tiro, onde estava commandando o contingente de infantaria 20 alli em instrução o capitão snr. José Antonio de Novaes Teixeira.

—Terminou a licença da junta que estava gosando e ficou doente no seu quartel, o capitão de infantaria 20, snr. Antonio Augusto Infante Fernandes.

—Apresentou-se no quartel do seu regimento, onde ultimamente foi collocado, e seguiu para o 3.º batalhão, em Penafiel, o alferes de infantaria 20, snr. Joaquim Augusto Geraldés.

As festas e feiras Gualterianas são de iniciativa da Associação Commercial.

As Festas Gualterianas são as Festas da Cidade.

### Casos de policia

Delphina Rodrigues, viuva, de 88 annos de idade, residente em Traz-Gaia, é uma pobre velha que tem o habito de se entregar á embriaguez e tem a mania do casamento.

A qualquer individuo que encontre diz logo de que constam os seus haveres, e assim foi que na noite de 15 para 16 do corrente lhe roubaram da sua residencia um cordão, um fio grande, um fio de contas, umas argolas e 11.000 reis em prata. Procede-se a averiguações.

Foi enviada para juizo a queixa apresentada por Manoel de Araujo, tecelão, do Pevidem, contra Claudino José Alves Salazar, da freguezia de Pedome, concelho de Famalicão, por haver disparado 3 tiros de revolver contra o queixoso, attingindo-o com uma bala no pé esquerdo onde está alojada. O queixoso recolheu ao hospital.

Tambem foi para juizo a queixa apresentada por Elvira de Oliveira, sardineira, da rua de D. João 1.º, contra seu irmão João Teixeira, o «Fradellos», e sua irmã Maria de Belem, a «Fradellos», por espancarem a queixosa com um cavallo marinho, em plena rua de D. João 1.º, e chamar-lhe nomes feios e palavras obscenas.

Antonia de Macedo Baptista, viuva, vendeira, de Campo da Feira, queixou-se contra Antonio de Castro, o «Grillo», sapateiro, da rua de Villa Pouca, por ir positivamente á porta da residencia da queixosa e insulta-la com palavras muito feias. Queixa para juizo.

Antonio Rodrigues, o «Borrado», ex-corneteiro de infantaria n.º 20, onde teve baixa pela junta de saúde, tem feito diversos furtos, de pouca importancia, pelo que vae ser entregue ao poder judicial.

Queixou-se Damião José de Oliveira Meira, da rua de S. Damaso, contra Silvino Ribeiro, marceneiro, da rua de Santo Antonio, por este agredir o queixoso com uma navalha, produzindo-lhe dois ferimentos. Foi queixa para juizo.

## Annuncios

ESTAÇÃO DE VERÃO

O Salgado da rua de Santo Antonio tem em exposiçào todos os artigos que fazem parte do seu colossal sortido de verão.

Em preço e bom gosto não tem competidores



**ATELIER DE CHAPEUS DE SENHORA**

— DE —

*Laura Maria da Silva Villaça Martins*

Rua de Payo Galvão

GUIMARÃES

Confeção de chapéus pelos últimos modelos

PREÇOS MODICOS

Bom gosto e boa execução.

**Estabelecimento de fazendas de lã e algodão**

— DE —

**Camillo Larangeiro dos Reis**

Largo do Tournal

GUIMARÃES

Nesta casa encontra-se sempre grande sortido de fazendas, ultima novidade, para fatos de homem e creança.

Preços sem competencia.

**NOVO ESTABELECIMENTO**

— DE —

**Mercearia e Confeitaria**

**Domingos Pereira Mendes**

Rua Nova de Santo Antonio

GUIMARÃES

Generos alimenticios de boas qualidades.

Bolachas nacionaes e estrangeiras.

Vinhos finos engarrafados da Real Companhia Vinicola do Norte de Portugal e da antiga Casa Ferreirinha.

Especialidade em chá e manteiga.

**Ao Guarda-sol Elegante**

Bons Guarda-soes de seda para senhora a 2\$000 reis, vendem-se no Guarda-soleiro da rua da Rainha.

Annunciam-se por ser pechincha.

Bons Guarda-soes de brilhantina para homem e senhora a 850 reis, vendem-se no Guarda-soleiro da rua da Rainha.

Annunciam-se por ser pechincha.

**TECIDOS DE LINHO E ALGODÃO**

**CAMISARIA E GRAVATARIA**

— DE —

**José de Freitas Costa Soares**

Rua da Rainha

GUIMARÃES

Atoalhados, pannos de linho, roupas bordadas, colchas, camisas, collarinhos, punhos, gravatas, etc., etc.

Esta casa encarrega-se da execução de enxovaes, para o que tem contracto especial com uma das principaes camisarias da capital do Norte.

**FAZENDAS BRANCAS**

— E —

**Miudezas**

**Loja dos Caixeiros**

— DE —

**João Pereira Mendes & C.<sup>a</sup>**

Largo do Tournal

GUIMARÃES

**TYP. MINERVA**



**VIMARANENSE**

Officina de encadernação, Papelaria e Livraria

— DE —

**Antonio Luiz da Silva Dantas**

Rua de Payo Galvão — Guimarães

Na officina typographica, montada com machinismo aperfeiçoado e pelos modernos processos da arte, executam-se, com nitidez e perfeição, todos os trabalhos, taes como: obras de livro e jornaes de grande e pequeno formato; participações de nascimento, casamento e obito; circulares, memoranduns, facturas, enveloppes e todos os demais impressos para commercio; mappas, mandados de pagamento, talões e varios outros impressos para repartições publicas civis, ecclesiasticas e militares; rotulos para pharmacia; etiquetas para fabricas e estabelecimentos de fazendas e ferragens; programmas e bilhetes para espectaculos, etc., etc.

Impressões a côres, ouro, prata e chromotypographia.

ESPECIALIDADE EM CARTÕES DE VISITA DE DIVERSAS QUALIDADES E FORMATOS

Na officina de encadernação executam-se todos os trabalhos concernentes á arte, com perfeição e segurança, para o que possui escolhido material vindo expressamente do estrangeiro e pessoal habilitado.

Na papelaria encontra-se um variado sortido de papeis almaços, finos e de impressão, nacionaes e estrangeiros, objectos de escriptorio, caixas de papel de phantasia em diversos formatos, livros em branco para commercio, cartão fino e papelão em folha, etc., etc.

Encarrega-se da execução de GRAVURAS EM MADEIRA, EM ZINCO E COBRE, pelos processos chimicos, e de CARIMBOS DE BORRACHA, para o que está em correspondencia directa com os mais habéis gravadores e fabricantes.

**PREÇOS RASOAVEIS**

**Commercio do Norte**

Preço da assignatura

Preço das publicações

Anno . . . . .	1\$300 rs.	Annuncios e communicados, por linha . . . . .	40 rs.
Semestre . . . . .	650 "	Repetição, por linha . . . . .	20 "
Brazil e Africa Portugueza . . . . .	3\$000 "	Permanentes, contracto especial.	
Numero avulso . . . . .	40 "		

*Ed. mo. Sin.*